



# PARA APROFUNDAMENTO: PATERNIDADE E MATERNIDADE RESPONSÁVEIS

## II. O AMOR FECUNDO: SEXUALIDADE E FECUNDIDADE

- 1.º** O mais importante, na hora de decidir, sobre a regulação da fecundidade, não é, em primeiro lugar, escolher um método. O método é sempre secundário, em função desta pergunta e deste objetivo essencial: *“temos... ou estamos a ter os filhos que razoavelmente podemos ter?”* Esta é a questão de fundo. Um casal cristão tem de colocar esta pergunta à sua consciência, tendo em conta vários fatores:
- a)** A vida, as condições e o ritmo da sua própria família... (se não tenho casa para 2, não posso ter 5 filhos)...
  - b)** Os filhos já nascidos... (ter em conta os filhos já nascidos, sem cair no ridículo de querer fazer de cada filho «um milionário»; não é melhor dar menos a mais filhos, do que dar tudo a um só? Os filhos únicos ou a ideia do “casal” não será um programa empobrecedor até para os próprios filhos?);
  - c)** A vida da sociedade e da Igreja, em que se está inserido... (não precisaríamos de mais crianças, para garantir o nosso próprio futuro, para renovar a sociedade e a Igreja?);
  - d)** As condições económicas, sociais, profissionais da família: ter filhos não é simplesmente dá-los à luz. Há que ter em conta que procriar implica também «educar»;
  - e)** A saúde do casal (verificar o estado de saúde, em ordem a uma gravidez responsável).
- 2.º** É importante fazer um planeamento, quanto ao nascimento previsível dos filhos. Mas este plano deve estar aberto às surpresas da vida. Nem sempre o que “definimos como melhor” é mesmo o melhor para nós. A Vida surpreende-nos e é bom estarmos preparados para que nem tudo corra e decorra de acordo com o nosso “plano” ou “programa”. É preciso deixar espaço também para Deus fazer as Suas escolhas... Ele é que sabe o que é melhor para nós!

- 3.º** Feito o plano, para o cumprir é preciso ter um «método», encontrar um «caminho». Os métodos de regulação da fecundidade tanto ajudam a não ter filhos, como podem ajudar a tê-los. Por exemplo: os chamados métodos naturais permitem conhecer melhor o ritmo da fecundidade da mulher e por isso mesmo a conhecer a melhor altura para engravidar, quando esse é o objetivo.
- 4.º** Quando falamos de «métodos», não podemos confundir com «aborto». O «aborto» não é método de regulação da fecundidade. E há outros métodos que não passam de «abortivos» disfarçados, como o DIU ou a pílula do dia seguinte.
- 5.º** A Igreja, na sua sabedoria, tem sugerido, como ideais, a combinação de alguns métodos naturais, que combinam o ritmo do calendário da fecundidade, a medição da temperatura, a humidade do muco. A indicação moral da Igreja por estes métodos tem a ver com vários aspetos:
- a)** Respeitam o ritmo natural e não são invasivos;
  - b)** Ajudam o casal a conhecer-se melhor e a fazer da relação conjugal um acontecimento responsável da parte de ambos;
  - c)** Disciplinam o instinto sexual e ajudam a criar hábitos de abstinência, que podem ser fundamentais em determinadas épocas (gravidez) ou circunstâncias (emigração, trabalho sazonal).
- 6.º** Quando a Igreja propõe os chamados métodos naturais, trata-se de uma proposta ideal. A Igreja diz ao casal: «este é o caminho que nos parece o melhor e o método mais respeitador da natureza do ato sexual e da intimidade conjugal».
- 7.º** Cabe à consciência cristã do casal (cf. AL 37;222;303), iluminada por critérios evangélicos, decidir. Não é o papa que decide. Nem o padre. Mas também não é o médico, nem deve ser a moda, nem o casal vizinho a decidir. É o próprio casal, que tem de encontrar o seu próprio caminho e assumir responsabilmente a sua escolha.